

A RECEPTIVIDADE DO POEMA *TO HELEN*, DE EDGAR ALLAN POE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA

THE RECEPTIVITY OF THE POEM TO HELEN BY EDGAR ALLAN POE: CHALLENGES AND PERSPECTIVES FOR TEACHING ENGLISH LANGUAGE LITERATURE

Evandro Rosa de Araújo (UEG / UFG)¹

RESUMO:

O objetivo do presente artigo é desenvolver uma reflexão sobre o ensino de Literaturas de Língua Inglesa com base na leitura de diferentes autores, tais como Araújo, Figueiredo e Lago (2020, 2023), Araújo, Tiraboschi e Figueiredo (2022), Bandeira de Melo Jr. (2019) e Tolentino (1999). Para tanto, apresenta aspectos receptivos do poema *To Helen*, de Edgar Allan Poe, à luz da Estética da Recepção aplicada ao ensino de literaturas. Trata-se do resultado de uma pesquisa qualitativa, da qual participaram cinco estudantes e um professor de Literaturas de Língua Inglesa do curso de Letras Português/Inglês de uma unidade da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no interior goiano. Com a pesquisa, realizada no mês de outubro de 2022, foi possível observar a realidade do ensino de Literaturas de Língua Inglesa, bem como os efeitos do uso da Estética da Recepção aplicada ao ensino da disciplina. Dessa forma, com base nas entrevistas com os acadêmicos e o professor, concluiu-se que o uso da citada teoria deixou os alunos mais motivados para estudar os textos de literatura inglesa indicados no plano de curso da disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Aprendizagem; Literaturas de Língua Inglesa. Estética da Recepção.

¹ Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia-GO, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1589-7944/>
E-mail: evadnrroj49@gmail.com

ABSTRACT:

The goal of this article is to make a reflection on the teaching of English Literature based on the reading of different authors such as Araújo, Figueiredo and Lago (2020, 2023), Araújo, Tiraboschi and Figueiredo (2022), Bandeira de Melo Jr. (2019) and Tolentino (1999), among others who discuss the teaching of this subject in Literature courses. The article also presents receptive aspects of the text *To Helen* by Edgar Allan Poe in light of the Aesthetics of Reception applied to four Portuguese/English Literature course students. It is a qualitative study whose data were generated in October 2022 in Goiás State University (UEG) in the interior of Goiás State. With this research, it was possible to understand the reality of teaching English Literature and observe the effects of using Aesthetics of Reception applied to teaching the subject. Therefore, based on interviews with the students and the professor, we concluded that the use of the aforementioned theory made students more motivated to study the English literature texts indicated in the professor's course plan.

KEYWORDS: Teaching, Learning, English Literature, Aesthetics of Reception.

Introdução

O ensino de Literaturas de Língua Inglesa em terras brasileiras é uma área que carece de discussões, conforme salientam Araújo (2016), Araújo, Figueiredo e Lago (2020, 2023), Araújo, Tiraboschi e Figueiredo (2022) e Bandeira de Melo Jr. (2019), dentre outros. Com base nessas leituras, podemos afirmar que são poucas as obras que versam sobre a práxis do professor de Literaturas de Língua Inglesa no contexto de sala de aula. Confirmando essa afirmativa, Bandeira de Melo Jr. (2019, p. 223) afirma que

[...] há uma nítida escassez em relação a pesquisas e publicações que se devotam ao Ensino de Literaturas de Língua Inglesa no Brasil, apesar de vários cursos de Letras- Inglês e Letras/Português e Inglês oferecerem, em seus currículos, disciplinas especificamente voltadas ao estudo de literatura em língua inglesa.

Bandeira de Melo Jr. (2019), bem como os demais autores anteriormente citados ainda salientam que basta uma simples sondagem nas ementas dos diferentes cursos de Letras/Inglês ou Letras Português/Inglês de instituições acadêmicas brasileiras para constatar-se que é dada prioridade, na maioria das vezes, a obras estrangeiras, tendo em vista que há poucos trabalhos (livros, manuais etc.) produzidos por pesquisadores brasileiros. Em nossa opinião e com base em Araújo (2016), Araújo, Figueiredo e Lago (2020, 2023), Araújo, Tiraboschi e Figueiredo (2022) e Bandeira de Melo Jr. (2019), dentre outros, tal situação perpetua o *status quo* de países hegemônicos e não favorece o desenvolvimento de praxiologias que valorizem a cor local. Nesse sentido, Araújo, Tiraboschi e Figueiredo (2022, p. 35) alertam:

Os currículos de Literaturas de Língua Inglesa, de diversos cursos de Letras de universidades brasileiras, têm privilegiado as produções literárias provenientes da Inglaterra e dos Estados Unidos, sobretudo as obras canônicas. Em vista disso, professore(a)s e pesquisador(a)s, no âmbito da educação literária em língua inglesa, têm defendido a abertura do currículo para um diálogo intercultural com as vozes literárias que têm sido historicamente silenciadas.

Vale, portanto, ressaltar a necessidade de abertura dos currículos para que os professores possam ter maior liberdade para pesquisar, ensinar e compartilhar suas experiências relativas a outros contextos de ensino, pois é nítido o baixo número de obras de pesquisadores brasileiros que discutem a práxis do professor de Literaturas de Língua Inglesa nas ementas dos cursos.

É importante enfatizarmos que isso não significa, todavia, afirmar que em seu trabalho diário os professores não usem pesquisas de autores brasileiros, mas tão somente ressaltar que

são escassas as obras que trazem conteúdos nesses moldes para auxiliá-los em suas práxis. A pouca presença de autores brasileiros nas ementas da disciplina também pode ser creditada à falsa crença de que a qualidade do material importado é melhor, o que já foi vastamente discutido por teóricos como Lima (1996), Machado e Soares (2021), Maldonado-Torres (2016), Mignolo e Walsh (2017) e Oliveira (2015), dentre outros.

Foi refletindo, portanto, sobre esse contexto e os possíveis caminhos aplicáveis ao ensino de Literaturas de Língua Inglesa que decidimos realizar a pesquisa que orienta este artigo. A proposta foi refletirmos sobre o ensino de Literaturas de Língua Inglesa levando em consideração a atual conjuntura de ensino vivenciada em um curso de Letras Português/Inglês de uma unidade da Universidade Estadual de Goiás (UEG) localizada em uma cidade do interior goiano. O estudo teve como base a leitura de autores como Araújo (2020, 2021, 2022a, 2022b, 2023), Bandeira de Melo Jr. (2019), Collie e Slater (2007) e Tolentino (1999), dentre outros que versam sobre o ensino dessa disciplina nos cursos de Letras.

O artigo também apresenta aspectos receptivos do texto *To Helen*, de Edgar Allan Poe, à luz da Estética da Recepção. Para isso, utilizamos as teorias de Bleich (1975), Fish (1987), Freund (2000), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Jauss *et al.* (1998), Showalter (2019) e Zilberman (1989, 2016), dentre outros, bem como os dados gerados, no ano de 2022, em quatro aulas de Literaturas de Língua Inglesa do curso de Letras Português/Inglês da UEG.

Vale ressaltarmos que a pesquisa é qualitativa, com base nos preceitos de Denzin e Lincoln (2023) e Gil (2023). Ao aplicá-la, foi possível entendermos um pouco da realidade do ensino de Literaturas de Língua Inglesa, bem como observarmos os efeitos do uso da Estética da Recepção aplicado ao ensino da disciplina.

Dividimos o presente texto em sete partes: na primeira, resumimos a proposta; na segunda, introduzimos o tema; na terceira, apresentamos a metodologia utilizada; na quarta, mostramos um pouco dos construtos da Estética da Recepção; na quinta, discorremos sobre o nosso objeto e o analisamos à luz da receptividade; na sexta, tecemos as considerações finais; e, na sétima e última parte do texto, apresentamos o referencial teórico utilizado.

Aspectos metodológicos

Nossa pesquisa teve como lócus uma das unidades da UEG do interior goiano, e o objeto pesquisado foi o ensino de Literaturas de Língua Inglesa, tendo como base a Estética da

Recepção. Para isso, utilizamos o poema To Helen, de Edgar Allan Poe, em uma sala de aula de Literaturas de Língua Inglesa, constituída por 15 universitários, dos quais somente cinco aceitaram integrar a amostra da pesquisa.

Seguindo os preceitos de Gil (2003), este trabalho é uma pesquisa qualitativa que discute o atual cenário de ensino da disciplina e apresenta perspectivas didáticas e reflexivas sobre os efeitos da Estética da Recepção aplicada ao ensino de literatura. Para alcançar tal meta, lançamos mão de aparato teórico-bibliográfico, dados gerados em sala com os cinco alunos em quatro aulas consecutivas do mês de outubro de 2022, além de entrevista com os acadêmicos e o professor da disciplina.

Destacamos que foram feitas consultas a diferentes periódicos na plataforma Scientific Electronic Library Online (SciELO), no Google Acadêmico, no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e em diferentes livros sobre o tema. Nesse sentido, o mapeamento bibliográfico, as leituras, a escrita e a revisão foram essenciais para a realização deste artigo. Considerando a importância de mostrarmos as características pessoais e de origem dos participantes, elaboramos o Quadro 1 a seguir. Nele, a identidade dos participantes foi preservada mediante pseudônimos escolhidos por eles próprios.

Quadro 1 - Características dos discentes da disciplina LLI do curso de Letras/Inglês

PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	COR	LOCAL DE ORIGEM
Lennon	Masculino	20	Branca	Zona urbana
Madona	Feminino	22	Negra	Zona rural
Michael	Masculino	27	Branca	Zona rural
Brigite	Feminino	28	Branca	Zona urbana
Roger	Masculino	21	Negra	Zona urbana

Fonte: Material empírico da pesquisa.

No mesmo sentido, isto é, visando mostrar algumas características do professor de Literaturas de Língua Inglesa da UEG, elaboramos o Quadro 2 abaixo.

Quadro 2 - Características do docente da disciplina LLI do curso de Letras Português/Inglês

DOCENTE	SEXO	IDADE	COR	FORMAÇÃO
John	Masculino	49	Branca	Mestre em Estudos Literários

Fonte: Material empírico da pesquisa.

A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal de Goiás (UFG), com Parecer Consubstanciado número 4.853.978. Dessa forma, todos

os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e escolheram os pseudônimos com os quais são identificados neste artigo.

Quanto às transcrições das falas dos alunos e do professor, preservamos ao máximo a integridade delas e, para isso, adaptamos as simbologias presentes em Marcuschi (2006), visando a uma melhor compreensão da transcrição dos diálogos entre os participantes do presente estudo. No Quadro 3 a seguir, apresentamos as simbologias utilizadas nas aulas e nas entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa.

Quadro 3 - Simbologias utilizadas nas transcrições das gravações das aulas e entrevistas

Legenda	Descrição
?	Subida rápida de entonação, sinalizando uma interrogação
“palavra”	Indica as partes de textos que estão sendo lidas durante as interações, ou representam discurso direto, ou representam os títulos dos contos mencionados na interação
XXX	Trecho incompreensível
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ähn	Interjeição de dúvida, de incompreensão ou pensando
Uh	Interjeição, denota surpresa
Yeah	Concordância, ênfase ou confirmação
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa

Fonte: Material adaptado de Marcuschi (2006).

Feitas essas considerações, na próxima parte do estudo apresentaremos um panorama do ensino de Literaturas de Língua Inglesa, bem como os preceitos da Estética da Recepção aplicados à disciplina.

O ensino de Literaturas de Língua Inglesa e a Estética da Recepção

Neste tópico buscamos desenvolver uma reflexão sobre o ensino de Literaturas de Língua Inglesa e os aspectos pertinentes à Estética da Recepção aplicada ao ensino da disciplina. Dessa forma, dividimos a seção em duas partes: a) Reflexões sobre o ensino e a aprendizagem de Literaturas de Língua Inglesa; b) Entendimento da Estética da Recepção aplicada ao ensino de Literaturas de Língua Inglesa.

Reflexões sobre o ensino e a aprendizagem de Literaturas de Língua Inglesa

Com base na leitura das obras de Araújo, Figueiredo e Lago (2020, 2023), Araújo, Tiraboschi e Figueiredo (2022), Bandeira de Melo Jr. (2019) e Tolentino (1999), e também por

meio das respostas dos participantes do estudo, podemos dizer que Literaturas de Língua Inglesa é considerada como uma disciplina difícil. Contudo, ao revisitar os dados gerados na pesquisa, percebemos que, quando motivados, os alunos podem produzir excelentes trabalhos.

Como ressaltam Chapman (2010), Kojecky (2011), Thaler (2009) e Widdowson (2000), dentre outros autores, para que o estudante de estudos literários aplicados e desenvolvidos nos cursos universitários consiga melhores resultados em sua aprendizagem, é importante que ele já tenha um bom conhecimento de história literária, sendo capaz de reconhecer os diferentes gêneros textuais e literários, estilística, prosódia etc.

No mesmo sentido, Burgess (2000), Moisés (2002), Silva (2020) e Wellek e Warren (2019) também salientam que os acadêmicos, ao ingressarem nos estudos literários avançados, precisam dominar uma gama de saberes para poderem ler, entender e analisar os textos, seguindo a tradição já cristalizada nas disciplinas de teoria literária ensinadas nas universidades.

Sabemos, porém, que os alunos e professores descritos em pesquisas de diferentes autores são, via de regra, representados como estudantes e docentes ideais, que não encontramos com facilidade na realidade dos cursos de Licenciaturas. Nesse aspecto, deveríamos considerar a reflexão de Freire (1996, p. 123) sobre a necessidade de respeitarmos “[...] a leitura de mundo do educando, o que significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento”.

Diferentes autores afirmam que é fundamental que os estudantes tenham um bom domínio do inglês, pois geralmente os professores que assumem as aulas de Literaturas de Língua Inglesa exigem leituras do texto original e de forma integral. A maioria das aulas é ministrada em inglês, e os textos teóricos também são, em sua maior parte, escritos originalmente em língua inglesa. Isso sem falarmos que o aluno precisa produzir diferentes textos em inglês acadêmico, quando a realidade tem mostrado que mesmo para escrever na língua materna de forma acadêmica já é difícil para a maioria deles. Dessa forma, em meio a tantas exigências para cursar bem a disciplina, a grande maioria dos professores e alunos acaba se frustrando ao longo dos estudos.

Somado a tudo isso, precisamos observar outros aspectos. Na visão de Bordini e Aguiar (1993), Candido (1976), Cosson (2021) e Durão e Cechinel (2022), os professores de literatura devem considerar que atualmente existe uma crise nas licenciaturas. Nos cursos de Letras, isso não é diferente: as salas de aulas estão vazias, e muitas unidades, como aponta Tolentino (1999),

já pensam em reestruturá-los, visando adequá-los à realidade que se vivencia. Para Araújo (2020) e Tolentino (1999), dentre outros autores, a disciplina Literaturas de Língua Inglesa pode perder espaço para o ensino da Língua Inglesa, propriamente dito.

Ressaltamos que, ao longo da história, a disciplina não ganhou tanta notoriedade quanto as demais que constam nas grades curriculares dos cursos de graduação em Letras/Inglês, ou Letras Português/Inglês (Araújo, 2020). Como ressaltam Araújo (2020), Bandeira de Melo Jr. (2019) e Tolentino (1999), o ensino de Literaturas de Língua Inglesa tem perdido espaço para as demais disciplinas e prova disso são os poucos eventos nessa área. Se consultarmos os catálogos de livros nas livrarias ou discussões em artigos especializados, poderemos constatar que realmente são poucas as referências que discutem o fazer pedagógico do professor de Literaturas de Língua Inglesa.

Outro aspecto que nos chamou atenção e que já mencionamos anteriormente diz respeito às ementas dos cursos, em cujas bibliografias não encontramos obras produzidas por brasileiros. Isso, na visão de Araújo (2020), é um detalhe importante, pois, por mais bem escritos que sejam os manuais estrangeiros, ou por mais relevantes que sejam as teorias produzidas em outros países, nenhuma consegue expressar com justeza a nossa cor local. Não podemos também ignorar que vivemos em um mundo globalizado, cada vez mais dominado pela informação rápida e dinâmica, o que está na contramão do processo de leitura das obras literárias, que, na maioria das vezes, exigem do aluno bastante tempo disponível, como salienta Showalter (2019). Esse autor também alerta sobre a importância de serem exploradas outras possibilidades de leitura no contexto de sala de aula, linha de pensamento também seguida por Kalantzis e Cope (2012, p. 1), que afirmam:

A comunicação está mudando rapidamente. Com o surgimento de novas tecnologias e mídias, a maneira como criamos e transmitimos significado está mudando significativamente. [...] ela concentra não apenas na leitura e na escrita, mas também em outros modos de comunicação, incluindo oral, visual, áudio, gestual e espacial.

Tendo em vista a rápida transformação dos processos de leitura, há de indagarmos: como motivar um estudante de Letras/Inglês, ou Letras Português/Inglês, a ler extensas poesias ou volumosos romances escritos em inglês? Como mostrar significados na leitura de diferentes textos que não retratam o nosso contexto sócio-histórico? E o mais difícil: como trabalhar a noção de importância dessas leituras, considerando que o universo que rodeia o nosso estudante leitor pouco valoriza essas práticas?

São questões como essas que o professor de Literaturas de Língua Inglesa precisa enfrentar no seu cotidiano escolar; mesmo assim, mantemos a esperança de que dias melhores virão. Por isso, nós, professores dessa disciplina, buscamos forças para enfrentar as adversidades e levar para as nossas salas propostas possíveis e que tenham significados reais para os estudantes leitores dos cursos de Letras, pois acreditamos no que afirma Zilberman (1989, p. 17): “A ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”.

Feitas essas considerações e com base em nossas vivências e na leitura de Tolentino (1999), podemos dizer que a disciplina Literaturas de Língua Inglesa tem gradativamente saído da grade curricular do curso de Letras da UEG, sufocada pelas demais literaturas, pelo ensino do idioma inglês, por tópicos de Libras etc. Para gerar os dados para a pesquisa de que trata este artigo, aproveitamos os últimos suspiros dessa disciplina em uma unidade que ainda resiste ao modismo e continua a ofertá-la na grade curricular do curso. Essa situação encontra ecos na fala de Tolentino (1999, p. 177), que diz:

Alguns cursos diminuem a carga didática da literatura, ou discutem sua omissão num curso de Letras, baseados em argumentos como falta de tempo, ou irrelevância; em outros cursos as disciplinas de literatura têm sido colocadas como apenas um apanhado de fatos sobre períodos e escritores, com a inclusão de títulos de autores famosos.

Mesmo diante de todas essas questões que assolam o ensino de Literaturas de Língua Inglesa, Araújo, Figueiredo e Lago (2020) acreditam na possibilidade de se fazer um trabalho na disciplina em que o aluno seja protagonista de sua aprendizagem, tornando-se capaz de perceber a importância do ato de ler e o quanto a prática da leitura pode influenciar positivamente a sua visão de mundo e a sua consciência sobre a diversidade cultural.

Os autores salientam, todavia, que para haver uma guinada nessa área é necessário que nós, professores de Literaturas de Língua Inglesa, abandonemos nossa zona de conforto e publiquemos nossas vivências com o ensino da disciplina em relatos de experiências, artigos especializados, participação em diferentes eventos etc. Dessa forma, a voz do professor de Literaturas de Língua Inglesa teria maior alcance na academia, além de contribuir para que suas experiências sejam compartilhadas e adaptadas a outros contextos.

No mesmo viés, é importante que nós, docentes, pensemos sobre nossa práxis e construamos uma didática que tenha a cor local. As obras literárias das Literaturas de Língua

Inglesa são encantadoras, mas, devido à forma como são apresentadas aos alunos, acabam desmotivando-os para a aventura da leitura integral do texto. Tolentino (1999, p. 177) afirma que “[...] muitos alunos se perguntam o porquê de se aprender a literatura, se o objetivo é se tornar um professor da língua estrangeira, ou mesmo um tradutor, ou apenas um simples falante ao terminar o curso de Letras”. Por isso, é urgente construir bases coerentes para justificarmos para o aluno o motivo de eles estudarem tais conteúdos.

Não queremos generalizar. Estamos falando neste artigo a partir do nosso local de fala e de algumas reflexões presentes em Araújo (2020), Bandeira de Melo Jr. (2019) e Tolentino (1999). Certamente, existem experiências de muito sucesso com o ensino dessa disciplina, mas que, em sua grande maioria, não são relatadas, divulgadas, permanecendo somente no âmbito restrito da sala de aula.

Dessa forma, acreditamos que é possível melhorar ainda mais nossa práxis, sabendo que é importante pensar em novos horizontes, por isso é que defendemos diferentes entrelaçamentos de teorias para a construção de abordagens distintas, que levem o aluno a gostar de ler as obras das literaturas de língua inglesa. Nesse sentido, passamos agora para a segunda parte do texto, que aborda as questões da Estética da Recepção aplicada ao ensino de Literaturas de Língua Inglesa.

Considerações sobre a Estética da Recepção e sua aplicabilidade

Conforme esclarece Lima (2011, p. 10), os estudos sobre Estética da Recepção tiveram início na Alemanha, em 1967, mais propriamente em Constanza, onde Jauss (2011) fez uma conferência sobre a história da literatura. Na oportunidade, o autor fez duras críticas. Na oportunidade, o autor fez duras críticas ao processo de estudo das obras literárias desenvolvido até então:

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (Einstellung auf) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado (JAUSS, 2011 apud LIMA, 2011, p. 69).

Além de criticar os parâmetros dos estudos literários em voga, Lima (2011) afirma que Jauss apresentou nessa conferência as sete teses que seriam os pilares para uma estética da recepção do texto literário. Essas teses ficaram famosas e, a partir de então, muitos teóricos da literatura as adotaram. Nas palavras de Lima (2011, p. 13), “[...] a estética da recepção aparecia pois como opção para o torpor filológico e o mecanismo a que, malgrado o esforço de Krauss e de alguns de seus discípulos, o marxismo fora reduzido. Era uma opção intelectual e política”.

O modelo de história da literatura feito antes das discussões de Jauss e demais pensadores da estética do efeito era centrado na filologia, no historicismo, na cronologia das obras, na vida dos autores etc. Os críticos literários ignoravam a figura e a importância do leitor e concebiam uma única interpretação do objeto artístico, na qual o leitor sequer era mencionado. Lima (2011, p. 16) ressalta que “[...] o descaso do leitor se fazia em nome da importância estética da obra. Por conseguinte, a (re)descoberta do leitor por Jauss propunha noutros termos a questão da autonomia”.

A partir de pesquisas e apoiado na fenomenologia e nos estudos hermenêuticos já bastante difundidos por Gadamer (2004), foi possível a Jauss (2011) elaborar as sete teses que sustentam a teoria da Estética da Recepção. Essa teoria, ao longo do tempo, expandiu-se bastante e ganhou diversas roupagens, mas o que mais nos interessa neste artigo são as interpretações dadas por Bleich (1975), Fish (1987), Freund (2000), Showalter (2019) e Zilberman (1989, 2016), e outras que aproveitam os construtos de Gadamer (2004), Ingarden (1998), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Jauss et al. (1998) e visando à sua aplicação no contexto de sala de aula no ensino de literaturas.

Conforme Lima (2011), embora a Estética da Recepção não se preocupe tanto com os aspectos didáticos do ensino de literatura, buscando um modelo de interpretação e entendimento da obra literária pelo viés do leitor e sem conceber o ensino formal da disciplina, muitos pesquisadores adaptaram os construtos dessa teoria para o ensino. É o que pode ser visto, por exemplo, nos trabalhos desenvolvidos por Bleich (1975), Bordini e Aguiar (1993), Fish (1987), Freund (2000), Showalter (2019), Zilberman (1989, 2016) e muitos outros.

Nesse sentido e com base em Bordini e Aguiar (1993), acreditamos que, ao explorar os diversos desdobramentos da Estética da Recepção em aulas de Literaturas de Língua Inglesa, o professor poderá alcançar melhores resultados quanto à motivação para a leitura e interpretação dos textos literários.

Como defende Rosenblatt (2000) em suas concepções de leitura do texto poético, ao incentivar os educandos a acionarem os seus horizontes de expectativas diante de uma determinada narrativa, certamente eles ficarão mais motivados a ler em profundidade o objeto literário. Isso fará com que considerem as suas realidades sócio-históricas, de tal forma que o texto faça sentido para eles em algum momento dessa leitura como acontecimento. Para Rosenblatt (2000, p. 186), “[...] no ambiente social e de sala de aula, o que o escritor ou leitor individual traz para a atividade e o propósito sentido da atividade devem ser levados em consideração”.

Da mesma forma, é importante regatar no estudante leitor as suas experiências leitoras, como também salienta Rosenblatt (2000). Por isso, quando o professor coloca os alunos para falarem sobre o que já leram e o que almejam ler no futuro, é importante que ele contemple a Estética da Recepção nas aulas de literatura. Como defende Fish (1987, p. 11), “[...] ao dialogar com esses alunos, o professor pode despertar expectativas, exemplificar situações semelhantes de leituras e dialogar sobre os textos, visando familiarizar o aluno com a nova leitura que ele irá experienciar”.

Nessa linha de raciocínio, Iser (2000, p. 18) ressalta que os textos literários são tecidos pelo autor, mas ressalta que no ato dessa tecitura feita pelo artista, por mais engenhoso que ele seja, “[...] sempre vai deixar lacunas, espaços em branco, ou vazios, onde o leitor vai preenchendo, a partir dos seus horizontes, ou universo particular”. Sem falar que diferentes autores abordam o texto artístico por diversos vieses.

Na visão de Ingarden (1998), os artistas constroem narrativas levando em conta diferentes estratos, e deixam ao longo dos textos pistas, códigos e enigmas a serem compreendidos, ou desvendados, para uma melhor compreensão das camadas do texto lido. Essas pistas podem vir por meio da pontuação, dos intertextos, das figuras de linguagem, dos pseudônimos, do uso de divindades e de uma infinidade de artimanhas que levam o leitor atento a entender um pouco da literariedade, do implícito ou de mensagens cifradas nas entrelinhas das obras literárias.

Essa possibilidade de interpretação, como salienta Bleich (1975), vem ao encontro dos anseios da maioria dos leitores contemporâneos. Na perspectiva do autor, os leitores podem ler o texto, interpretá-lo, ou entendê-lo a partir de suas próprias lentes, sem perder de vista a historicidade do texto literário como monumento, mas tendo em vista o contexto cultural e sócio-histórico vivido pelo sujeito leitor no ato da leitura, como também defende Iser (2000),

pois o mundo está em constante mudança. Então, consideramos fundamental que o professor conduza o estudante leitor a perceber a transitoriedade das coisas, mostrando-lhe que nada é definitivo e que, por mais completa que seja a análise de um texto, sempre haverá espaço para novas discussões.

Além disso, com o tempo, os valores mudam e, como ressalta Eagleton (2006), as verdades absolutas de hoje podem ser negadas ou ultrapassadas no futuro. Da mesma forma, na narrativa literária, muitas informações apresentadas no texto, no tempo da escrita do autor, com o transcorrer da história e os avanços da ciência podem ficar obsoletas ou datadas, e os significados expressos em cada linha, com o passar do tempo ou à luz da contemporaneidade, podem ganhar novas interpretações, como ressaltam Freund (2000), Showalter (2019) e Zilberman (1989, 2016), dentre outros. Por isso, é importante que o professor ajude o estudante leitor a filtrar esses pontos, para que ele possa identificar a importância dos aspectos sincrônicos e diacrônicos percebidos no ato da leitura em épocas distintas.

Como muito bem ressalta Fish (1987), o grande desafio do docente de literatura é levar o educando a ler os textos a partir de sua realidade local, para que a narrativa tenha significado para a sua vida. Da mesma forma, como enfoca Ingarden (1998), é necessário mostrar ao aluno que a obra literária é um monumento interpretado à luz de diferentes momentos históricos, composta de vários estratos composicionais que somente têm sentido a partir da leitura efetuada pelo leitor. Já nas concepções de Lima (2011, p. 70),

[...] o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo se fazem ao reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção.

A citação acima vem ao encontro do que advoga Rosenblatt (2000), para quem a sala de aula de literatura deveria ser um ambiente diferenciado, que abandone os conceitos e preceitos da retórica prescritiva e leve o educando a perceber que um mesmo poema pode ganhar inúmeras interpretações, dependendo do momento histórico em que é lido e dos horizontes de expectativas de cada leitor. Como salienta Richards (1997), uma mesma obra lida por diferentes alunos provavelmente culminará em interpretações distintas, que não serão as mesmas prescritas nos manuais do professor.

Dessa forma, o docente, ao motivar para a leitura do texto literário seguindo os preceitos da Estética da Recepção, precisa estar atento para a receptividade das obras pelos estudantes, pois, seguindo a linha traçada por Fish (1987), muitas vezes os horizontes de expectativas de cada aluno darão margens a interpretações diversas.

Outra preocupação ao aplicar os estudos da recepção na sala de aula de literatura é o de mostrar ao educando que, por mais que o autor se insira na narrativa, ao terminar de escrever o texto, ele se torna um mero leitor. Por isso, não é interessante entender o objeto literário ou artístico por meio da vida do autor/escritor e priorizando somente o contexto sócio-histórico em que foi produzida. Evidentemente, dependendo do tipo de análise que será desenvolvida pelo estudante, os aspectos sincrônicos e diacrônicos serão essenciais, mas precisam ser entendidos no conjunto das percepções indicadas pela Estética da Recepção e aplicadas ao ensino, conforme apontam Bleich (1975), Fischer (1987), Freund (2000), Showalter (2019) e Zilberman (1989, 2016), dentre outros.

Feitas essas considerações sobre o ensino de Literaturas de Língua Inglesa e a importância da Estética da Recepção para a promoção do ensino da disciplina, na próxima subseção aprofundaremos um pouco mais essas questões quando apresentarmos os dados da pesquisa à luz da Estética da Recepção.

A poesia de Edgar Allan Poe e a análise dos dados

Edgar Allan Poe nasceu em 19 de janeiro de 1809, em Boston, Massachusetts, nos Estados Unidos da América, e morreu em 7 de outubro de 1849, em Maryland, no mesmo país. Ao longo de sua vida, assumiu diferentes papéis, sendo poeta, autor, editor e crítico literário, mas foi como escritor que ele ganhou notoriedade no mundo todo, pelos trabalhos artísticos centrados em temáticas macabras e misteriosas. Sua maior especialidade centrava-se na produção dos gêneros conto e poesia. A sua notoriedade foi tamanha que Valéry (1998, p. 101) fez o seguinte comentário sobre ele: “Edgar Poe, que foi [...] o expoente da confusão e da tempestade poética e cuja análise termina algumas vezes, como a de Leonardo, em sorrisos misteriosos, estabeleceu claramente sobre a psicologia, sobre a probabilidade dos efeitos, o ataque de seu leitor”.

Podemos conjecturar, portanto, que Edgar Allan Poe, como sujeito autor, produziu suas obras visando afetar, ou causar, receptividades diversas nos seus possíveis leitores. A sua

carreira literária começou com a publicação de uma coletânea de poemas em 1827, intitulada *Tamerlane and Other Poems*. A partir dessa publicação, ele começou a produzir e publicar diferentes contos, trabalhou como crítico literário em revistas e jornais de cidades como Baltimore, Filadélfia e Nova Iorque. Podemos dizer que sua carreira como autor literário ganhou maior notoriedade quando ele publicou em 1845 o poema *The Raven*, que foi sucesso instantâneo. Depois disso, produziu diferentes obras que são hoje lidas e adaptadas para diferentes mídias.

Essa prévia sobre o autor é importante para situarmos o leitor no tempo histórico de sua produção textual, no ambiente sócio-histórico de produção de sua obra. Essa é uma forma de despertar no leitor os seus horizontes de expectativas e estimulá-lo a revisitar em sua memória leitora outros autores, do mesmo período ou não, que tenham estéticas de produção parecidas. Essa concepção de estudos literários vem ao encontro das teorias defendidas por Bleich (1975), Bordini e Aguiar (1993), Fish (1987), Freund (2000), Showalter (2019), Zilberman (1989, 2016) e muitos outros autores que defendem a receptividade da obra literária por diferentes vieses.

Neste artigo, usaremos de Edgar Allan Poe o poema *To Helen*, trabalho bastante conhecido e conceituado pela crítica literária. Esse poema foi utilizado para o ensino de literatura nas aulas do professor John, participante desta pesquisa, e seguiu os preceitos da Estética da Recepção aplicados ao ensino. Segue abaixo o poema na íntegra.

To Helen

Helen, thy beauty is to me
Like those Nicéan barks of yore,
That gently, o'er a perfumed sea,
The weary, way-worn wanderer bore
To his own native shore.

On desperate seas long wont to roam,
Thy hyacinth hair, thy classic face,
Thy Naiad airs have brought me home
To the glory that was Greece,
And the grandeur that was Rome.

Lo! In yon brilliant window-niche
How statue-like I see thee stand,
The agate lamp within thy hand!
Ah, Psyche, from the regions which

Are Holy-Land!
(POE, 1831, p. 238)

Em seu planejamento, o professor John destinou quatro aulas para trabalhar o poema com os alunos do sexto período do curso de Letras Português/Inglês da UEG. Antes de iniciar o trabalho, fez as seguintes considerações:

[1]

Professor

Boa noite, queridos alunos!

John:

Conforme eu comentei com vocês na aula anterior, hoje iremos trabalhar com o poema, visando os aspectos receptivos deste.

A obra escolhida foi *To Helen*.

Certo?

Ahum, yeah!

Eu irei entregar uma folha com o poema e quero que vocês, com os conhecimentos que vocês têm, façam interpretações individualizadas sobre os versos do poema para que possamos socializar as diferentes percepções que vocês tiveram. Para logo após a socialização, vocês fazerem duplas e com base nas suas leituras, ao ouvir as diferentes visões sobre o texto, você e seu colega irão redigir uma versão final, como parte de sua nota semestral. XXX

Quero influir o mínimo possível nas interpretações de vocês e peço que guardem os celulares para eu poder ter a certeza de que a sua recepção não foi influenciada por outras existentes no mundo virtual.

Fonte:

Dados empíricos da pesquisa, gerados no dia 10 de outubro de 2022.

Os alunos receberam então o texto e, de forma silenciosa, leram, releeram, meditaram, rememoraram, certamente tentando acionar os seus horizontes de leitura e chegarem a diferentes interpretações.

A sala de aula era composta por quinze alunos, mas, conforme dito anteriormente, somente cinco aceitaram participar do estudo: Lennon, Madona, Michael, Brigitte e Roger. Vejamos agora os dados receptivos desses acadêmicos ao poema lido e que foram socializados na sala de aula.

[2]

Professor

Lennon! Podemos começar com você?

John:

Lennon:

Ahã, sem problemas.

Uhm ... Bem, professor!

“Pelo que eu pude perceber, o poema *To Helen*, do escritor Edgar Allan Poe, é cheio de alusões, que, na minha opinião, revelam o amor

do eu lírico por uma mulher, mas não é qualquer mulher, pareceu tratar-se de alguém com beleza comparada à de Helena do poema *Ilíada*, de Homero. Parece que o poeta tenta comparar a beleza dessa mulher com a da mais bela de todos os tempos, que causou a maior de todas as guerras já notificadas na história, gerada por causa de ciúmes”.

Hã ...

Além disso, professor!

Eu percebi a presença de outras figuras da mitologia. Eu percebi que têm diversas rimas, mas eu não consegui identificá-las, mas vi que o poema está dividido em três estrofes distintas, revelam o amor de um sujeito por sua amada. Eu, na verdade, não gosto muito de poesia, mas deste poema eu gostei, pois eu consegui ver nele uma certa narratividade, e o fato de ele nos remeter ao poema de Homero facilitou o meu entendimento, pois gosto muito das obras *Ilíada* e *Odisseia*.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa, gerados no dia 10 de outubro de 2022.

Com a interpretação de Lennon, podemos perceber que ele conseguiu captar o sentido do poema, embora não tenha falado de horizontes de expectativas ou experiências leitoras. Em sua fala, é possível identificarmos que a sua interpretação está próxima à que preconiza a Estética da Recepção, defendida em Ingarden (1998), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Jauss et al. (1998), pois conseguiu perceber o intertexto. Essa é uma memória resgatada de outras leituras, como ele mesmo salientou.

Lennon também conseguiu se posicionar como leitor do objeto literário, além de preencher espaços em branco deixados pelo poema, ao salientar que não se tratava de qualquer mulher, e sim de uma mulher com grandes atributos, que o narrador deixa implícito ser Helena de Tróia. Ressalte-se que essa correlação feita pelo aluno somente foi percebida devido ao seu conhecimento do poema épico de Homero, *Ilíada*. Para Rosenblatt (2000, p. 72), “[...] as pistas oferecidas, no texto, por um lado, excitam sua resposta e, por outro, o levam a eliminar o que é irrelevante do que deve ser incorporado ao seu senso de sentido frente ao poema”.

Seguindo a mesma dinâmica de trabalho, mas de forma um pouco distinta da observada pelo colega Lennon, a estudante Madona fez considerações um pouco mais técnicas, mas não deixou se inserir nos comentários, como leitora ativa do poema *To Helen*.

[3]

Professor Madona! Pode ser você, agora?

John:

Madona: Yeah! Professor!
Na minha leitura e interpretação do poema, eu também percebi que o eu lírico, ou poético, tenta homenagear alguma mulher de grandes atributos.
Também percebi que existe intertexto com o poema de Homero. A meu ver, “o autor deste poema tentou produzir um esquema de rimas que seriam “ABABB, na primeira estrofe, CDCDC na segunda estrofe, EFFEFE na terceira e última estrofe do poema”. Mas além dessas rimas, eu observei que o poema traz exemplos de assonâncias em diversas partes”.
Pelas aulas que tivemos com o senhor xxx, professor John!
Parece que o poema é estruturado em iâmbico pentâmetro. Eu não tive grandes dificuldades com a leitura deste poema, pois gosto dos contos e poemas de Edgar Allan Poe, embora esse poema não se assemelhe em nada com o *The Raven*. À medida que eu ia lendo *To Helen*, as batidas desse outro poema sempre estavam em minha mente.
Outra coisa que eu observei foi o uso da mitologia greco-romana que sempre aparece nas demais obras desse autor.
Uh, é isso!

Fonte: Dados empíricos da pesquisa, gerados no dia 10 de outubro de 2022.

A receptividade da aluna Madona também vem ao encontro dos preceitos da Estética da Recepção presentes em Ingarden (1998), Iser (2000) e Jauss (2000, 2001), dentre outros. Como aluna, buscou nos construtos de aulas anteriores de literatura seus conhecimentos prévios para analisar o poema. A sua memória leitora também foi acionada e conseguiu fazer observações sobre o poema e a sua estrutura, bem como sobre o diálogo que esse mantém com outros contos de Edgar Allan Poe.

Assim como seu colega Lennon, Madona também percebeu os elementos de intertextualidade e alusões feitas pelo autor ao produzir o poema. Ela relatou que sua recepção ao poema foi positiva, pois já tinha uma memória leitora formada sobre as obras de Edgar Allan Poe, o que a fez perceber com mais facilidade os estratos sonoros presentes em *To Helen*.

[4]

Professor Michael, pode fazer suas considerações.

John:

Michael: ãhn, Professor!

Eu adorei esse poema, eu não conhecia. Eu já tinha lido muitos contos de Edgar Allan Poe, mas devo confessar que o poema que eu li anteriormente desse escritor foi só *O Corvo*. Eu também observei que os colegas falaram, mas o que me chamou atenção foi a última parte do poema, onde ele fala:

“Lo! In yon brilliant window-niche

How statue-like I see thee stand,
The agate lamp within thy hand!
Ah, Psyche, from the regions which
Are Holy-Land!"

Hã... Nessa parte é possível visualizar Helen de pé e imóvel como uma estátua segurando uma lâmpada. E, na minha opinião, a luz que ela segura se mistura com a própria personagem do poema, de certa maneira indicando uma direção a ser seguida. Vi também a questão do intertexto, mas relacionado [...] à "Psique e Cupido", mito da mitologia grega. Eu achei o poema muito simbólico e acredito que sem leituras anteriores ficaria difícil entendê-lo. Na minha opinião, o eu lírico está completamente apaixonado por Helen, mas parece ser um amor impossível.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa, gerados no dia 10 de outubro de 2022.

A leitura que Michael fez do poema, como já era esperado, foi em outra direção. Como pode ser notado em sua interpretação do poema, suas experiências de leituras anteriores o ajudaram na compressão do texto. A Estética da Recepção aconselha esse retorno apoiado nos horizontes de expectativas e nas experiências com outros textos, pois, como advogam Ingarden (1998), Iser (2000), Jauss (2000, 2001) e Jauss et al. (1998), somente temos condições de entender melhor os textos quando acionamos monumentos literários que já conhecemos. Foi isso que aconteceu com Michael, que preencheu espaços vazios ou em branco tentando explicar o comportamento da personagem e ainda conjecturou uma possível paixão do eu lírico por Helen, a protagonista do poema.

Feitas essas considerações, vejamos agora a leitura que Brigitte fez do poema de Edgar Allan Poe.

[5]

Brigitte: Olá, pessoal!
Professor! Eu já estava preocupada, pois o Michael falou quase tudo que eu percebi no poema. Eu penso que se a gente olhar com bastante cuidado podemos perceber nesse poema alguns itens que o sustentam e fizeram com que ele sobrevivesse até os dias de hoje como uma obra de valor. Um dos itens é a base sólida que dialoga como outras obras como "Psique e Cupido" a *Ilíada*, de Homero. Na obra *Ilíada*, eu lembrei de Helena e Páris. Já em "Psique e Cupido", eu consegui associar somente a questão de um amor impossível, apesar de que todos nos remetem para uma posição de amor impossível e ressalta a beleza da amada. Vi que o autor do texto conseguiu utilizar técnicas que nos prendem na leitura até a última linha. Mas isso é próprio da engenhosidade de Edgar Allan Poe, os seus contos também são assim.

Este poema não é novo para mim, eu já tinha lido algo sobre ele e lembro que ele foi escrito com uma intenção, a de declarar o amor a uma mulher chamada Jane Stuart, mãe de um amigo. Portanto, eu considero o poema uma metáfora maior que acaba expressando os sentimentos do sujeito autor.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa, gerados no dia 10 de outubro de 2022.

A recepção de Brigitte foi além do esperado, pois ela já tinha experiência com o poema, já havia lido algo a respeito anteriormente, ou seja, a obra já fazia parte de seu horizonte de expectativa. Por isso, ela teve bastante segurança em expressar a sua opinião. Conforme ressaltam Bleich (1975), Fish (1987), Freund (2000), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Jauss et al. (1998), Showalter (2019) e Zilberman (1989, 2016), quanto mais leituras tivermos sobre o objeto literário, mais completa será a nossa interpretação, e é precisamente isso que se observa nos comentários de Brigitte.

Vejamos agora a última recepção ao poema, a do aluno Roger. Suas ponderações ampliam a nossa compreensão sobre a obra e, de certa forma, dialogam com as demais, já lidas anteriormente.

[6]

Roger: Olá, professor! Ficar por último tem dessas coisas. Eu observei as mesmas coisas que os colegas, mas acho que tem alguns pontos que eu posso acrescentar. Eu pude observar que ele compara a beleza de Helen a navios antigos de Niceia e eu sei que Niceia é uma cidade antiga que hoje fica na região da Turquia. Acho que essa comparação de forma metafórica seria interpretada como a serenidade de Helen que se assemelha ao navegar desses navios. Parece que o eu lírico se compara a um andorilho cansado e desgastado, e a beleza de Helen seria na verdade o porto seguro para descansar e viver seus prazeres. Eu também já tinha lido esse poema e lembro de ter lido uma análise na qual o teórico associa as habilidades composicionais de Poe, especificamente neste poema a “Catulo”, poeta latino. Também não consigo ver outra coisa senão a figura de Odisseu tentando voltar para os braços de sua amada Penélope, após a guerra de Troia. Vi também que ele ressaltou o poderio de Roma em alguns pontos e, ainda e para finalizar, vi que ele buscou intertexto também em “Náiade”, ser mágico e belo para comparar a beleza da Helen. À medida que os colegas foram falando, eu fui cortando na minha análise muitos elementos, embora eu tenha dito de forma diferente, mas a essência era a mesma da dos colegas.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa, gerados no dia 10 de outubro de 2022.

A leitura de Roger também acrescentou bastante às discussões, embora ele tenha ficado por último para fazer suas ponderações sobre o poema. Assim como os demais, ele fez uma leitura cuidadosa, mostrando aspectos que ainda não haviam sido abordados pelos demais acadêmicos, e destacando diversas questões que nos remetem às teorias da Estética da Recepção.

Considerações finais

Com a pesquisa que alimenta este artigo, foi possível apresentar um pouco sobre o ensino e a aprendizagem de Literaturas de Língua Inglesa no contexto de um curso de Letras Português/Inglês de uma unidade da UEG em uma cidade do interior do estado de Goiás. Ao propor ao professor da turma a experiência de trabalho com base nos preceitos da Estética da Recepção aplicados ao ensino de literaturas, conforme preceituam Aguiar (1993), Bleich (1975), Fish (1987), Freund (2000), Ingarden (1998), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Showalter (2019) e Zilberman (1989, 2016), dentre outros, foi possível perceber resultados importantes que certamente poderão impactar de forma positiva o ensino da disciplina.

Entre os resultados percebidos e relatados nas entrevistas pelos alunos e pelo professor da turma está o de terem se sentido motivados para a realização das atividades, pois não existia uma resposta-padrão, preconcebida no livro do professor, e isso lhes deu maior segurança ao analisar o texto apresentado. Conforme as entrevistas, os alunos apreciaram a forma de trabalho, pois puderam ler o texto pensando em suas realidades e vivências particulares, e não presos ao contexto histórico biográfico do autor.

Com isso, podemos dizer que a Estética da Recepção, se aplicada de forma criteriosa pelo professor, poderá levar o aluno a alcançar resultados satisfatórios no ensino da disciplina Literaturas de Língua Inglesa. Além disso, essa experiência, embora ocorrida em um contexto específico, pode ser estendida a outros ambientes escolares.

Referências

ARAÚJO, E. R. de. As contribuições da literatura no ensino de língua inglesa. XII ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA (ENFOPLE). **Anais [...]** Inhumas, Goiás, 2016. p. 91-107.

ARAÚJO, E. R. de. Estética literária inglesa: os elementos artísticos constituintes da épica medieval em Beowulf. **REIVA - Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia**, v. 3, p. 1-18, 2020.

ARAÚJO, E. R. de. Aspectos teóricos e práticos dos termos interculturalidade e interculturality. **Democratizar** (Faetec). Petrópolis, RJ, v. 14, p. 3-12, 2021.

ARAÚJO, E. R. de. Literaturas em língua inglesa: aspectos de subjetividades, identidades, interação e colaboração em sala de aula. **Democratizar** (Faetec). Petrópolis, RJ, v. XV, p. 34-51, 2022a.

ARAÚJO, E. R. de. O ensino de língua inglesa à luz da cultura e da interculturalidade. **REIVA - Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia**. Jussara, GO, v. 5, p. 1-19, 2022b.

ARAÚJO, E. R. de. Notas sobre psicologia e recepção literária no conto A Cartomante, de Machado de Assis. In: FERREIRA, Ezequiel Martins (org.). **Teoria e pesquisa em psicologia**. 2. ed. Ponta Grossa, PR: Atena, v. 1, 2023. p. 21-36.

ARAÚJO, E. R. de; FIGUEIREDO, F. J. Q.; LAGO, N. A. A colaboração como elemento propulsor da autoestima de aprendizes em aulas de literatura inglesa numa perspectiva da teoria da recepção: um relato de experiência. **Leitura**. Maceió, v. 67, p. 99-114, 2020.

ARAÚJO, E. R. de; FIGUEIREDO, F. J. Q.; LAGO, N. A. Literature and Collaboration in the English language classroom in pandemic times. **Signotica**. Goiânia, v. 35, p. 1-28, 2023.

ARAÚJO, E. R. de; TIRABOSCHI, F. F.; FIGUEIREDO, F. J. Q. Praxiologias nas aulas de literaturas de língua inglesa: um olhar sobre A tempestade, de Shakespeare, na perspectiva decolonial. **Porto das Letras**. Porto Nacional, TO, v. 8, p. 34-53, 2022.

BANDEIRA DE MELO JR., O. M. Ensino de literatura em Língua Inglesa: um diálogo com propostas metodológicas com base na Análise Dialógica da Literatura. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, PA, v. 8, n. 3, p. 222-246, set. 2019.

BLEICH, D. **Readings and feelings**: An introduction to subjective criticism. Urbana, IL: National Council of Teachers of English, 1975.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. **Literatura**: a formação do leitor. São Paulo: Mercado Aberto, 1993.

BURGESS, A. **English Literature**. Longman: New York, 2000.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1976.

CHAPMAN, R. **Linguistics and Literature**: an introduction to literary stylistics. Edward Arnold, 2010.

COLLIE, J.; SLATER, S. **Literature in the language classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.) **Strategies of qualitative inquiry**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003. p. 1-45.

DURÃO, F. A.; CECHINEL, A. **Ensinando literatura**: a sala de aula como acontecimento. São Paulo: Parábola, 2022.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FISH, S. **Is there a text in this class**. Harvard: Massachusetts, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREUND, E. **The return of the reader**. London: Methuen, 2000.

GADAMER, H. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GIL, A. C. **O trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2002.

INGARDEN, R. **A obra de arte literária**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 2000.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 2000.

JAUSS, H. R. **Toward an Aesthetic of Reception**. Minnesota: Minnesota Press, 2001.

JAUSS, H. R. O prazer estético e as experiências fundamentais da *Poesesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 85-103.

JAUSS, H. R. *et al.* **A literatura e o leitor**: textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KALANTZIS, M.; COPE, B. **Literacies**. New York, USA: Cambridge University Press, 2012.

KOJECKY, R. **T.S. Eliot's Social Criticism**. New York: Valerie Eliot, 2011.

LIMA, G. F. de. The Tempest: reafirmação do colonialismo inglês. **Sitientibus**. Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, BA: UEFS, n. 14, p. 79-93, 1996.

LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MACHADO, R. C. M.; SOARES, I. B. Por um ensino decolonial de literatura. **Rev. Bras. Linguíst. Apl.** v. 21, n. 3, p. 981-1005, 2021.

MALDONADO-TORRES, N. **Outline of ten theses on coloniality and decoloniality.** Foundation Franz Fanon, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 2006.

MIGNOLO, W.; WALSH, C. **On decoloniality.** Durham: Duke University, 2017.

MOISÉS, M. **A Criação Literária – Poesia.** Cultrix: São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, L. E. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951).** Campinas, SP: Pontes, 2015.

POE, E. A. **A Collection Poems of Edgar A. Poe.** New York: Southern Literary Messenger, 1831.

RICHARDS, I. A. **A prática da crítica literária.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

ROSENBLATT, L. M. **The reader, the text, the poem: The transactional Theory of the Literary Work.** Illinois: Southern Illinois University Press, 2000.

SHOWALTER, E. **Teaching Literature.** Longman: Oxford, 2019.

SILVA, V. M. de A. **Teoria Literária.** Martins Fontes: São Paulo, 2020.

THALER, E. **Teaching English Literature.** UTB: New York, 2009.

TOLENTINO, M. V. F. de. O texto literário no ensino de língua inglesa. *In:* PAIVA, V. L. M. de (org.). **Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências.** Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 177-199.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da literatura.** Martins Fontes: Rio de Janeiro, 2019.

WIDDOWSON, H. G. **Stylistics and the teaching of Literature.** Longman: New York, 2000.

VALÉRY, P. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci.** São Paulo: Editora 34, 1998.

ZILBERMAN, R. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, R. A Estética de Recepção e o acolhimento brasileiro. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras.** [s. l.], n. 12, p. 7-17, jul. 2016.

Recebido em: **06 out. 2023**

Aprovado em: **20 nov. 2023**